

JORNAL DA TARDE

O expediente natural para

restabelecer a confiança

7 JAN 1987

Leon - Brasil

Na esteira do insucesso do Plano Cruzado, aumentam de forma alarmante os sinais de descontrole na economia, que mais parece um avião des governado nas mãos de pilotos inexperientes. É esta, lamentavelmente, a imagem que nos vem ao observarmos a volta de uma inflação mensal de dois dígitos, a vertiginosa alta das taxas de juros sancionada pelo Banco Central, a demora do CIP para atualizar os preços artificialmente mantidos pelo congelamento, e o imobilismo das autoridades econômicas, que vão sendo totalmente superadas pelos acontecimentos, como acontece na área do Imposto de Renda, cuja tabela para o desconto na fonte somente agora está sendo corrigida, às pressas, como se a necessidade dessa mudança já não estivesse clara desde fins do ano passado.

Francamente, é difícil entender as razões que levam o mesmo governo que aprova um pacote para baixar as taxas de juros no final do ano contribuir para a sua elevação alguns dias depois, ao permitir que a remuneração das aplicações de curtíssimo prazo (overnight) passasse da média de 7,40% ao mês, em dezembro, para 12,51% nesta segunda-feira. Esse salto alucinante da taxa do overnight se refletiu imediatamente na rentabilidade oferecida pelos Certificados de Depósito Bancário que, ao contrário do que aparentemente desejavam as autoridades, pularam para 270% ao ano, crescendo até 50 pontos percentuais. No mesmo dia, na Bolsa Mercantil & de Futuros, a estimativa de juros dos CDB para dentro de 15 dias ultrapassou a barreira dos 300%, confirmando as expectativas de inflação elevada.

Foi a maior alta de taxas de juros da história do mercado financeiro em um só dia, apesar das tentativas das instituições financeiras de atuar de maneira cautelosa, oferecendo a remuneração de 220% ao ano no início das operações. Simultaneamente, também indicando o nervosismo que tomou conta de operadores e aplicadores, a cotação do dólar no mercado paralelo aumentou 2,94% na segunda-feira.

Diante de tanta agitação nos mercados financeiros, as cotações despencaram na Bolsa de Valores de São Paulo, que caiu 10% nos dois últimos pregões, provocando o desânimo entre os investidores que esperavam o início de um processo de recuperação neste início de ano, em virtude dos bons resultados apresentados por várias empresas de capital aberto. Na verdade, a Bolsa está funcionando muito mais como termômetro das expectativas e ansiedades existentes na economia, as quais estão sendo muito influenciadas pelo descrédito dos principais responsáveis pela política econômica.

São as mesmas autoridades que antes das eleições, com o objetivo de favorecer as candidaturas dos partidos situacionistas, realizaram uma ridícula intervenção no mercado da carne bovina, na tentativa de manter os preços dentro do gesso do Plano Cruzado. Hoje, com o início da safra, a oferta de boi gordo começa a voltar ao normal, com o produtor recebendo entre 550 e 600 cruza- dos por arroba, em vez dos 280 cruza- dos determinados pelo governo. Como as autoridades não reconhecem os preços efetivamente praticados no mercado, o consumidor continua pagando ágio, ignorando as tabelas que servem apenas para decorar as paredes dos açougues.

Atitude idêntica das autoridades do Ministério da Fazenda pode ser observada na área do Imposto de Renda, cujas tabelas progressiva e para o desconto na fonte não foram atualizadas de acordo com a inflação, em prejuízo de todas as pessoas obrigadas ao pagamento do IR, a maioria delas pertencente à classe média. Ou seja, como em governos passados, a Receita Federal teima em ignorar os efeitos da inflação sobre a renda dos contribuintes, que é sempre taxada em excesso, apesar das declarações demagógicas de algumas autoridades.

Enfim, estamos vendo um acúmulo de indefinições na área econômica, que prejudica o funcionamento das empresas e que acabará provocando a concretização das ameaças feitas por grandes e pequenos empresários de reajustar os preços à revelia do governo, como advertiu o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, Mário Amato, porque a própria sobrevivência de seus negócios está ameaçada. Os empresários não agüentam mais a burocracia do CIP e desejam que o realinhamento dos preços seja concedido até o final desta semana. Isso significa, na prática, que o inevitável processo de inflação corretiva já está saindo do controle do governo e, mais que isso, significa também que as atuais autoridades econômicas já caíram em total descrédito.

Assim, temos a impressão de que o momento exige antes de mais nada a troca da equipe econômica, pois já não adianta ficar pensando em paliativos como a agilização das análises das planilhas de custo pelo CIP ou outras providências de rotina. Poder-se-ia dizer que é perigoso trocar ministros no momento em que o País está negociando com os credores externos, mas esse argumento caiu por terra quando a imprensa norte-americana e a européia "descobriram" o fracasso do Plano Cruzado. Além do mais, os banqueiros internacionais estão cansados de saber que o prestígio das autoridades econômicas caiu a quase zero e, justamente por isso, certamente preferirão negociar com autoridades que permanecerão mais tempo no governo, em vez de firmar um acordo com um ministro que está para deixar o cargo. Portanto, se o presidente Sarney quiser colocar a casa em ordem, a coisa mais urgente é a troca da equipe econômica. O tempo do Plano Cruzado já passou. Só falta agora entregar a gestão da economia a pessoas capazes de restabelecer a confiança de todos os setores da sociedade.